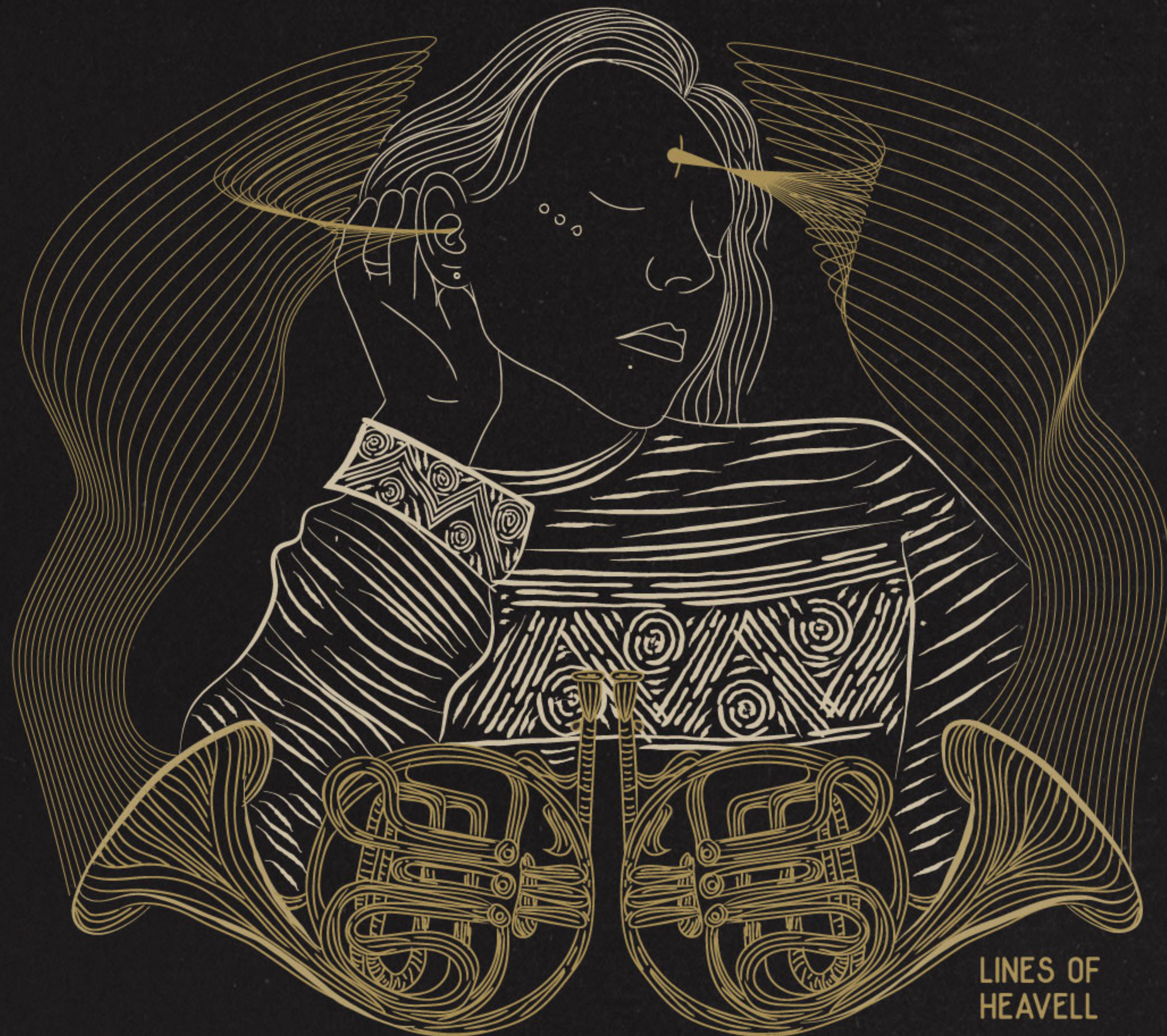


**Arte visual e música:
relação entre linguagens**
por Thaís Bristotti



LINES OF
HEAVELL

RESUMO

O presente artigo apresentará a relação entre a música e a arte visual: duas linguagens artísticas que caminham juntas há muitos anos de várias formas. A princípio mostrará a combinação das linguagens a partir de Wassily Kandinsky, artista conhecido por fazer analogias entre as cores e formas com os sons em seus embasamentos teóricos. Em um segundo momento contará experiências da junção das linguagens aplicadas nas escolas para o ensino da abstração e sinestesia, com o objetivo de situar os alunos sobre o primeiro momento em que mais estudou essa relação nas Artes Visuais.

Palavras chaves: música, arte visual, sinestesia, Wassily Kandinsky

ABSTRACT

This article presents the connection between music and visual art: two artistic languages that have been working together for a long time in many ways. At first it is going to introduce the artist Wassily Kandinsky, known for making analogies between colors and shapes with sounds. In a second moment describes the experience of joining these two languages in schools to teach abstraction and synesthesia.

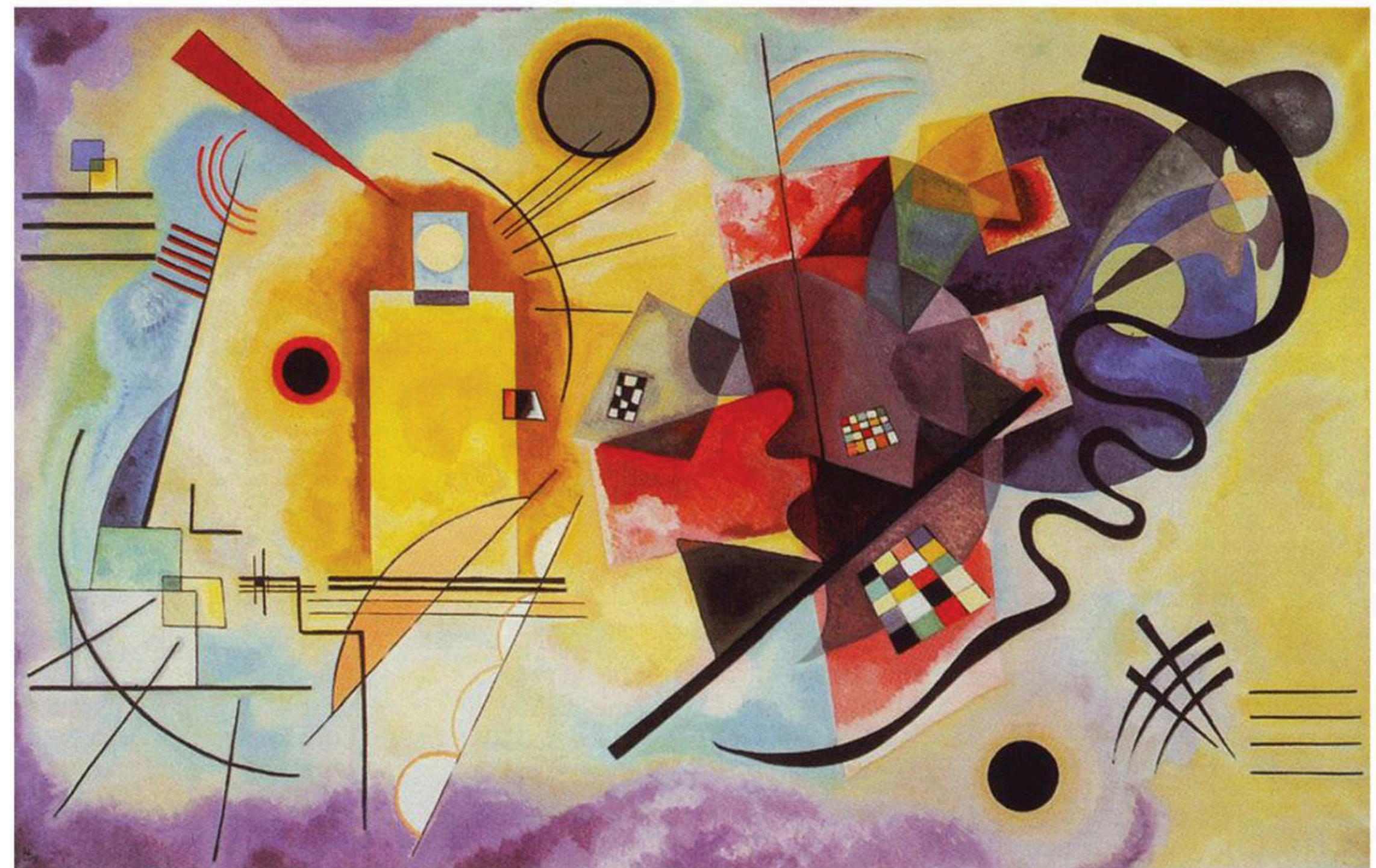
Key words: music, visual art, synesthesia, Wassily Kandinsky

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade apresentar a relação entre a música e a arte visual, ou seja, mostrar de que forma a sociedade transpõe a música (que é um elemento sonoro) para o visual (elementos gráficos).

Essa conexão está presente há décadas na sociedade e o tema começou, em um primeiro momento, a ser discutido somente pelos compositores da área musical. Um dos primeiros teóricos que trouxe a discussão para o campo das artes visuais foi Wassily Kandinsky. O autor possui obras que discutem o tema, principalmente o livro “Espiritual na Arte” (1912), citado neste artigo. Outro referencial teórico que embasa essa produção é o trabalho desenvolvido pela educadora e psicóloga Yara Caznok no livro “Música: entre o audível e visível” (2008) no qual desenvolveu uma pesquisa sobre essa relação.

Após a discussão teórica o este artigo irá apresentar uma atividade prática sobre a temática, realizada na Escola Estadual Professora Eunice Virgínia Ramos Naveró, localizada em Campinas (SP) com 5 alunos. A ideia foi aplicar a teoria de Kandinsky, mas principalmente a de Caznok na qual as pessoas relacionam a música com imagens.



Amarelo-Vermelho-Azul, 1925
Wassily Kandinsky

DISCUSSÃO TEÓRICA

Atualmente é comum notar na arte contemporânea obras que possuem uma relação explícita entre as linguagens artísticas por meio da junção de texto, som e espaço. Exemplos disso são a arte multimídia, performance, instalação e videoclipe, que provocam sinestesia. De acordo com Andrew Goodwin, “sinestesia é o processo intra-pessoal, por meio do qual as impressões sensoriais são conduzidas de um sentido para outro” (GOODWIN, 1992 apud CARVALHO, 2006, p. 44). Dessa forma quando se ouve uma música, acaba a relacionando com imagens figurativas ou abstratas, como formas e cores.

Há uma espécie de espiral do sentido, na qual cultura e lembranças pessoais se encarregam de disparar imagens durante a audição. Não seria exagero dizer que, além das imagens lançadas pela memória pessoal do ouvinte, há um certo tipo de iconografia associada a determinadas músicas, são as convenções construídas através da cultura e suas manifestações. (GOODWIN, 1992 apud CARVALHO, 2006, p. 9).

As discussões sobre a relação da música com a arte visual não é algo atual e particular da arte contemporânea, uma vez que já acontecem há muitas décadas. Porém, somente a partir do século XVII foram oficializadas

as pesquisas entre as cores e os sons. Por exemplo, no livro “Música: entre o audível e o visível” (2008), de Yara Borges Caznok, percebem-se essas inúmeras correspondências. A princípio compositores e artistas fazem uma analogia entre as cores e o timbre dos instrumentos, das cores com as notas, das cores com intervalos musicais e com a altura (percepção da frequência dos tons dos sons no ouvido humano). Nesse último item, a autora cita que quando a música atinge um tom agudo (frequências altas) há associação com cores claras e em tons graves (frequências baixas) com as cores escuras.

Caznok (2008) também estudou a relação entre música e artes visuais na prática com voluntários. Em sua obra ela relata a experiência de como as pessoas escutam música e apresenta fragmentos de entrevistas nas quais constatamos a presença de formas, cores, espaços, linhas, contornos, imagens figurativas ou abstratas no momento em que se ouve a música. Ela descreve: “ouvir não significa apenas registrar o audível, mas aceder a um estado de escuta que permita perceber a presença do audível e do visível virtuais, ou seja, de um ser-imagem da música e de um ser-música da imagem” (CAZNOK, 2008, p. 229). Como forma de exemplificação ela traz o relato de um artista plástico e de dois

músicos no momento de escuta de uma canção, em uma das descrições o músico tenta qualificar o visual da música: *“um espaço maior e mais preenchido também, o tempo inteiro... Mas tudo isso é coberto, é como se fosse colorido por dentro, com várias cores, você não percebe muito o contorno. Você está envolvido dentro dessa roda aí (músico 1)”* (CAZNOK, 2008, p.17).

A autora conclui que, independente do gênero ou estilo musical, *“muitas ideias musicais eram ao mesmo tempo ideias visuais, apontando para hipótese de uma criação sonoro-visual originariamente fundida”* (CAZNOK, 2008, p.19), ou seja, a visão está presente no momento em que escutamos sons. Ela também apresenta as relações da música ocidental com correntes estéticas possuem participação visual, como por exemplo, o madrigalismo renascentista, as tendências contemporâneas por meio de instalações e performance, a música programática e os compositores que faziam vídeos sinestésicos relacionando a batida da música com as cores.

Para entender melhor a relação entre música e cor, é preciso conhecer o artista plástico considerado o pioneiro da arte abstrata e o mais famoso por debater essa temática: Wassily Kandinsky. Em sua concepção, por meio da música, os artistas se afastam dos fenômenos da natureza e dão vida própria para os sons. A sua teoria é fundamentada principalmente no livro, publicado em 1912, “Do Espiritual a Arte”. Nessa obra ele explana que a sensação provocada quando os olhos veem uma cor é a mesma que o ouvido tem ao escutar um som. Com isso percebe-se que o autor também fez uma pesquisa para confrontar a significação e efeitos das cores no ser humano, que, na maioria das vezes, é feita por associação e pode ser relativa. Para exemplificar, ele compara algumas cores com as propriedades da música. O vermelho pode ser o mesmo que o som de uma fanfarra, quase irritante e que lembra o fogo, a dor e a irritação enquanto o azul traz a calma que pode ser a mesma sensação de uma flauta tocando, entre outros:

As cores claras atraem o olhar e retêm-no. As claras e quentes fixam-no ainda com mais intensidade; tal como a chama que atrai o homem com um poder irresistível, também o vermelhão atrai e irrita o olhar. O amarelo limão vivo fere os olhos. A vista não o suporta. Dir-se-ia um ouvido dilacerado pelo som estridente de uma trombeta. O olhar pestaneja e abandona-se às calmas profundezas do azul e do verde. (...) Fala-se correntemente do “perfume das cores”, ou da sua sonoridade. Esta sonoridade é de tal maneira evidente, que ninguém pode encontrar uma semelhança entre o amarelo-vivo e as notas baixas de um piano ou entre a voz de um soprano e o vermelho lacado de escuro. (KANDINSKY, p. 58-59)

Como forma de esclarecimento, Angelo Dimitri Campos Guedes (2011) fez uma tabela comparativa das cores, simbologia e analogia com a música, por meio do estudo do Kandinsky.

cores quentes		AMARELO SIMBOLOGIA: cor terrestre, explosão de energia, semelhante as últimas forças do verão. ANALOGIA COM A MÚSICA: trompete agudo, tocado cada vez mais forte ou uma fanfarra estridente, notas agudas.
		LARANJA SIMBOLOGIA: força, saúde e segurança. ANALOGIA COM A MÚSICA: sino de ângelus, voz de contralto, viola entoando um largo.
		VERMELHO (quente) SIMBOLOGIA: claro - energia, triunfo médio - paixão. ANALOGIA COM A MÚSICA: claro - fanfarra com som forte da trombeta médio - rufar ensurdecedor de tambores.
neutro		VERDE SIMBOLOGIA: equilíbrio, satisfação, repouso. ANALOGIA COM A MÚSICA: sons médios de um violino, frequência média.
cores frias		AZUL SIMBOLOGIA: claro - representa infinito, sensação de calma e profundidade escuro - tristeza. ANALOGIA COM A MÚSICA: claro - flauta escuro - violoncelo, contrabaixo (notas graves).
		VIOLETA SIMBOLOGIA: tristeza, enfermidade, energia esgotada. ANALOGIA COM A MÚSICA: vibrações surdas do corne inglês da charamela.
		VERMELHO (frio) SIMBOLOGIA: frio escuro: veemência da paixão frio claro: pura alegria. ANALOGIA COM A MÚSICA: frio escuro - médios e graves do violoncelo frio claro - sons elevados, claros e cantantes de um violino.
sem temperatura		BRANCO SIMBOLOGIA: reinício, nascimento. ANALOGIA COM A MÚSICA: pausa musical.
		PRETO SIMBOLOGIA: morte, silêncio definitivo, fim do ciclo. ANALOGIA COM A MÚSICA: encerramento da música.

Tabela 1- Comparação entre cores, simbologia e analogia com a música segundo Kandinsky (GUEDES, 2011)

Kandinsky entende que música é uma arte pura, ou seja, ela não representa nada da realidade e tem um poder emocional diferente. Para ele a arte visual deveria chegar nesse mesmo patamar. Para o autor a vantagem de transpor os sons para a pintura é a possibilidade de eternizar a música, uma vez que ela é momentânea e tem um fim.

A música, por exemplo, dispõe da duração. Mas a pintura oferece ao espectador - vantagem que a música não possui - o efeito maciço e instantâneo do conteúdo de uma obra (...) A música não tem necessidade, para exprimir-se, de recorrer as formas de sua linguagem. Quanto à pintura, ela ainda está hoje quase totalmente reduzida a contentar-se com as formas que toma emprestadas da natureza. Sua tarefa ainda consiste em analisar esses meios e essas formas, aprender a conhecê-los, como a música, por sua vez, já o fez e há muito tempo, e esforçar-se por integrá-los em suas criações, utilizando-os para fins puramente pictóricos. (KANDINSKY, p. 56)

Fica claro, assim, que a música proporciona ao indivíduo uma liberdade de imaginação e improvisação, pois ele não precisa pensar em formas figurativas, pode dar as formas e as cores aos sons.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN-Arte), que tem como objetivo nortear a execução das atividades exploradas em cada matéria escolar, é importante que os alunos sejam capazes de experimentar e investigar as possibilidades de cada linguagem artística. Tanto na música quanto na arte visual, é preciso além de contextualizar o conteúdo, conceder liberdade de experimentação e a exploração de materiais e técnicas aos alunos, para que eles desenvolvam o seu próprio trabalho. Levando isso em consideração e baseado na teoria acima, foi proposta uma atividade

a alunos de 6 a 13 anos da Escola Estadual Professora Eunice Virgínia Ramos Naveró, localizada no bairro Parque Imperador, em Campinas (SP). Essa unidade participa do Programa Escola da Família proporcionando a abertura da escola aos finais de semana para realizar atividades extracurriculares, como oficinas de arte. Para tal atividade foi utilizada a metodologia Time Watching proposta por Ott (1997).

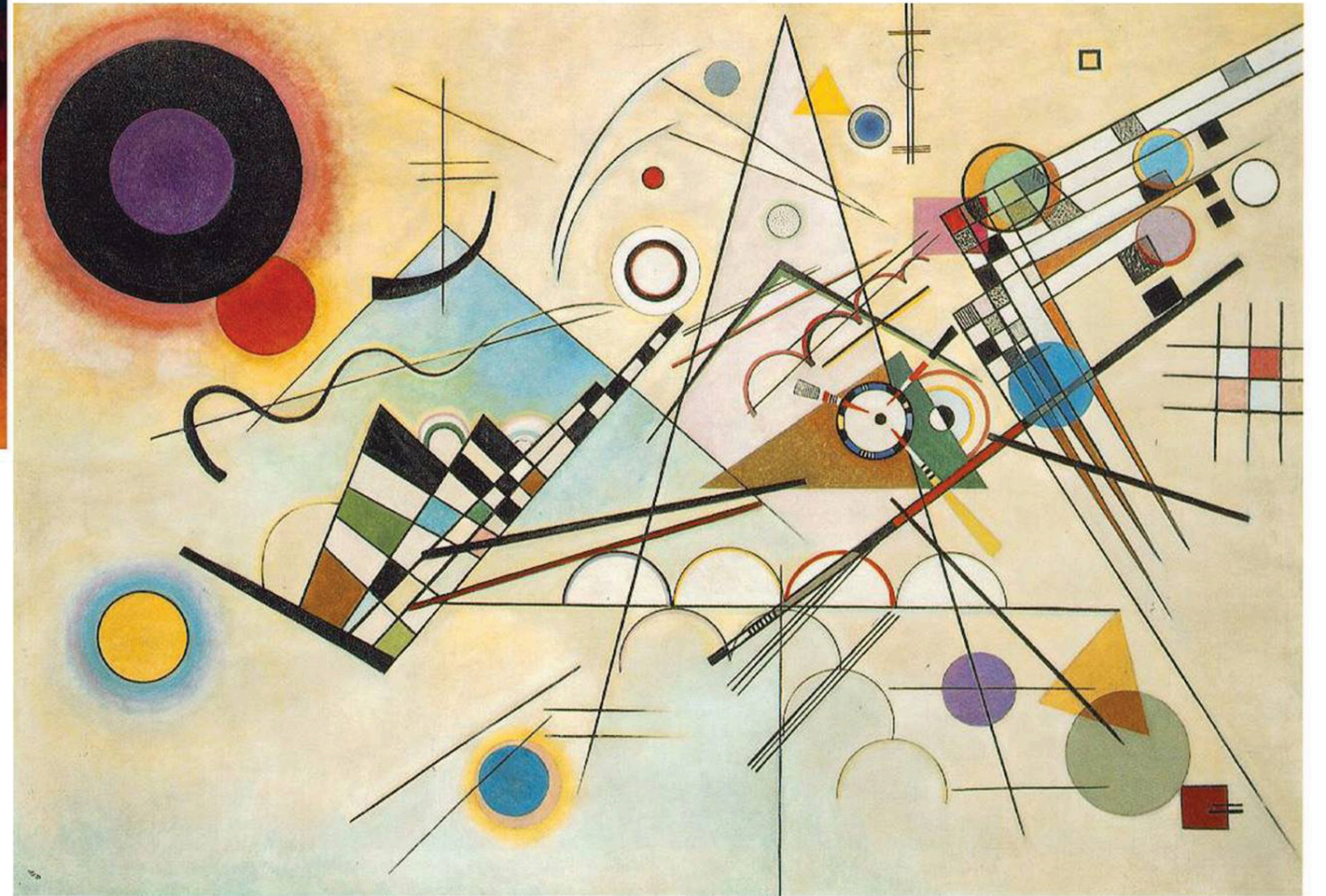
Primeiramente foi proposto um exercício reflexivo no qual os alunos escutavam a música e falavam o que sentiam ou viam. As respostas foram diversas, como por exemplo: “lembra uma rave”, “para todas as músicas eu crio uma dança na minha cabeça”, “pessoas dançando um forrózinho” e “vejo uma flauta”. A partir disso, o tema foi contextualizado por meio das obras de artistas que utilizavam a música como inspiração para os seus trabalhos como Kandinsky, Mondrian e Paul Klee, aumentando o repertório imagético (conhecimento de diferentes obras de artes visuais, produtores e movimentos artísticos) dos estudantes.

Por fim, foi proposto um exercício prático para que os alunos entrassem em contato com as propriedades e as técnicas expressivas dos artistas. Foi distribuído giz de cera de diversas cores e folhas sulfites para que eles transcrevessem a música em forma visual. Foram tocadas três músicas de diferentes tons, melodias e ritmos musicais, e as folhas foram trocadas conforme a variação das músicas.

Foi possível notar que em música mais calmas, lentas e sem variação de tons, os estudantes desenharam sem pressionar o giz e mudaram menos de cores. Já em músicas mais fortes houve uma grande variação de cores e de pressão do giz na folha. Alguns alunos até desenharam os instrumentos que estavam ouvindo, com isso ligando a imagem que viam ao som. Outros, por sua vez, começaram a desenhar formas figurativas, mas logo abandonaram e seguiram com a abstração, deixando o ritmo da música influenciar o desenho conforme as batidas.



Composição VII, 1913
Wassily Kandinsky



Composição VIII, 1923
Wassily Kandinsky

ANÁLISE E CONCLUSÃO

Na atividade prática, pôde-se notar que os alunos corresponderam, de certa maneira, as teses aprofundadas por Caznok (2008) e Kandinsky (1912). Mesmo com uma grande diferença de idade entre os alunos, percebe-se que todos tem a capacidade de visualizar imagens através do som acerca de sua experiência com o mundo. Além disso, ainda que os alunos não tenham domínio sobre a linguagem musical, os desenhos fazem uma analogia entre os movimentos e pressão do giz com os timbres dos instrumentos, notas, intervalos musicais e a altura musical. Por mais que no começo da atividade alguns alunos começaram a fazer desenhos figurativos, conforme a música ia tocando eles seguiam naturalmente para o abstrato, se desprendendo do mundo real e assim as sensações percebidas pela audição transformaram-se em formas e cores. Caznok (2008) corrobora essa questão:

O que o artista torna perceptível não é o que já está percebido, é aquilo que, silenciosa e discretamente, habita a obra e a faz solicitar o mesmo e único movimento de abertura para o que não é imediatamente perceptível. Daí vem a unidade de uma obra e a unidade de sua fruição (..) Talvez se descubra que determinada obras tenham se utilizado da associação e da máxima audiovisibilidade para proporcionar ao ouvinte a exata oportunidade de capturar, perceptivamente, aquilo que só pode comparecer por meio da evocação. (CAZNOK, 2008, p. 229)

Em suma, a música e a arte visual tem uma grande conexão e que quando colocadas juntas despertam diversas sensações em cada indivíduo. A música quando transformada em forma de expressão visual pode desencadear trabalhos com grande intensidade poética e experiência pessoal, porque ela proporciona a liberdade de imaginação e improvisação, já que o indivíduo apenas a sente e transpõe sem pensar em imagens figurativas.



Imagens: desenho dos alunos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2015.

CARVALHO, Claudiane de Oliveira. **Sinestesia, Ritmo e Narratividade: estratégias de interação entre imagem e música em videocliques do U2**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006. Disponível em: <www.midiaemusica.ufba.br/arquivos/t&d/CARVALHO.pdf>. Acesso em 12 de março de 2015.

CAZNOK, Yara. **Música: entre o audível e o visível**. Ed. 2. São Paulo: UNESP, 2008. 242 p.

GUEDES, Angelo D. G. **Wassily Kandinsky: do Espiritual na Arte e a Proposta de uma Sonoridade Interior**. 2011. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/6/TDE-2011-10-21T154854Z-1234/Publico/Angelo%20Dimitre%20Gomes%20Guedes.pdf>. Acesso em 13 de março de 2015.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fonte, 1996

OTT, R. W. **Ensinando crítica nos museus**. In: BARBOSA, A. M. (Org.). Arte-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997, p. 113-140.

Thaís Bristotti

Graduada em Artes Visuais com ênfase em Design pela PUC-Campinas, tem formação técnica em Web Design e estudou Design Gráfico e Design de Mídia Interativa na Austrália. Experiência profissional como diretora de arte. Fundadora do projeto Lines of Heavell onde compartilha sua jornada espiritual através da arte das linhas.